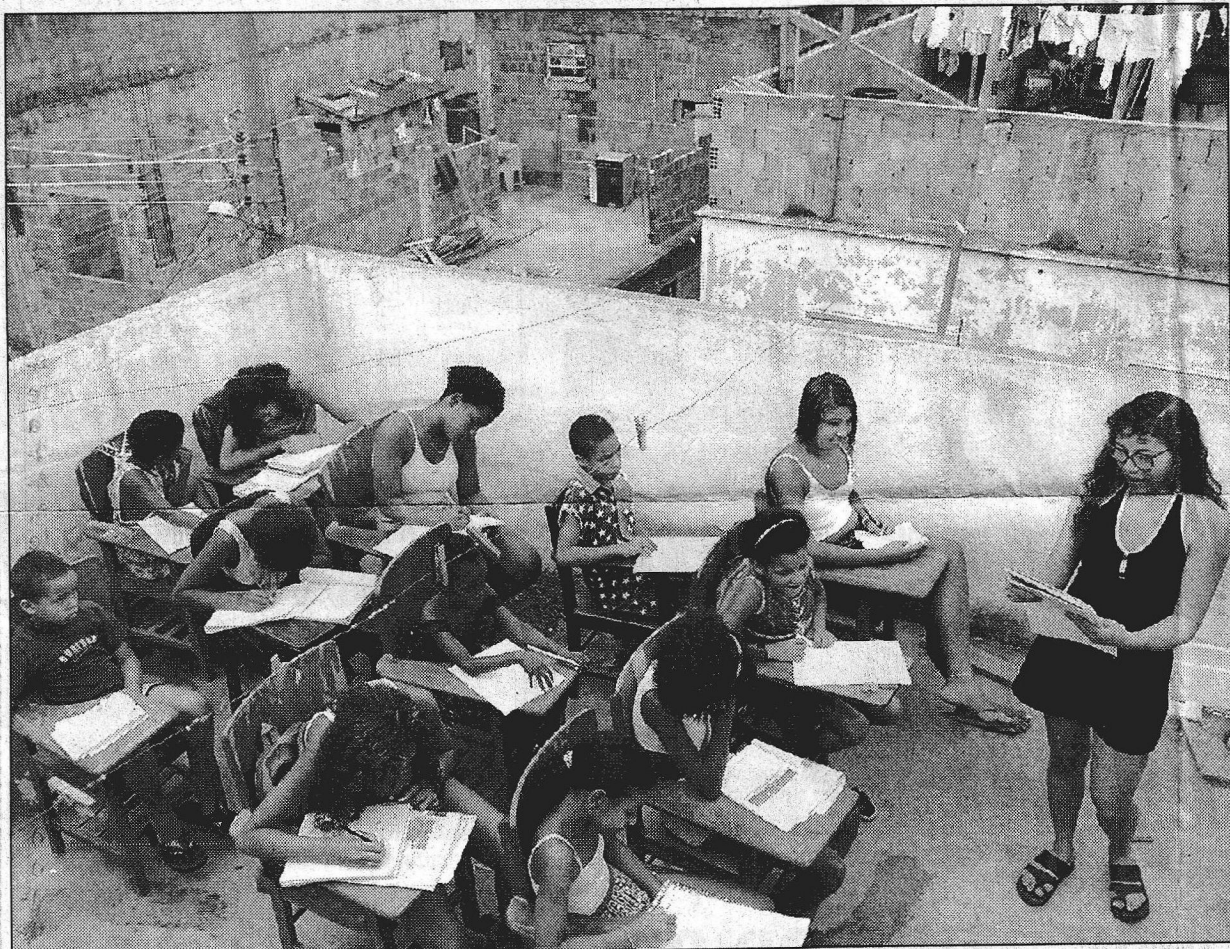




A EXPLICADORA LUCIANA Araujo dá aulas numa sala improvisada no terraço de sua casa, na Favela Nova Holanda

Uma rede paralela de ensino

Explicadoras de favelas ajudam alunos de escolas públicas

Nívia Carvalho

• A imagem retocada na moldura está pendurada na sala em lugar de destaque — na parede em frente ao sofá forrado de material sintético. Produzida num estúdio fotográfico, sonho das aspirantes a modelo, não é a cópia fiel da moça que passa o dia folheando cadernos e corrigindo deveres. Neste dia-a-dia, o retrato não é o mesmo de uma professora, apesar das aparências. Nas ruelas, presos a grades em janelas estreitas, os cartazes em cartolina avisam o que são: explicadoras, às vezes com s no lugar do x.

A sala de aula é montada na varanda, na cozinha, num pequeno quarto ou mesmo no terraço que cresceu sobre a laje. Às vezes há carteiras; outras, apenas bancos de madeira. Nas favelas do Rio, as explicadoras “dão reforço” aos alunos matriculados nas escolas públicas próximas. São muitas e formam uma rede paralela de ensino. Na Favela Nova Holanda, em Bonsucesso, por exemplo, os moradores exageram e dizem que existe uma em cada rua.

Luciana dá aulas em casa desde os 12 anos de idade

Luciana Rodrigues Araujo, de 20 anos, é uma delas. A fotografia na sala denuncia o desejo, já esquecido, de ser modelo. Casada, mãe de um menino de pouco mais de 1 ano, ela agora só quer concluir o Segundo Grau e ser

professora. Desde os 12 anos ela dá aulas em casa. A sala de aula a céu aberto, no terraço da casa da mãe, é transferida para a parte coberta nos dias chuvosos. Os alunos, 14 ao todo, são de diferentes séries. Os menores, da classe de alfabetização ou da 1ª série, pagam R\$ 15, e os demais desembolsam mensalmente R\$ 20.

Luciana se orgulha de ter escrito corretamente no cartaz sua atividade, mas reconhece:

— Quando fico nervosa cometo muitos erros de português. Mas tem muita gente pior. Há meninas que cursam a 5ª ou a 6ª série e trabalham como explicadoras. Como pode, se mal sabem ler e escrever?

Na Favela da Rocinha, Zona Sul da cidade, a casa de Maura de Fátima Vecchio é prova irrefutável do sucesso dessa rede paralela de ensino nas comunidades carentes. Em três turnos, ela atende a 70 alunos, entre 5 e 17 anos de idade. Nascida em Campo Mourão, interior do Paraná, ela chegou à Rocinha há 15 anos casada com um mineiro, ajudante de pedreiro que ganha R\$ 200 por mês e foi quem fez a mesa e os bancos dispostos na varanda da pequena casa na Rua Dois. Maura conta ter concluído o curso normal no Paraná, mas não quer lecionar numa escola:

— Ganho muito mais do que um professor concursado — conta Maura, que diz receber R\$ 1.750 dando aulas em casa.

Segundo Maura, o número de alunos cada vez maior na varanda de sua casa é um sintoma de que há algo de errado na rede oficial de ensino:

— A falta de professores deixa os alunos ficarem períodos longos sem aula. Muitos dos que estão trabalhando não têm mais paciência com os alunos. Não são poucos os que chegam aqui e dizem que são chamados de burros pelas professoras que não querem repetir a explicação — conta Maura.

Um aluno de 11 anos que ainda não aprendeu a ler

Paulo Ricardo Martins Amaral tem 11 anos e cursa a 3ª série do Primeiro Grau na Escola Municipal Paula Brito. Sabe armar contas e resolvê-las, mas não consegue solucionar um problema por um motivo inaceitável em se tratando de um aluno da 3ª série: não sabe ler e, por isso, não compreende o enunciado.

— Aqui eu entendo melhor a explicação. Minha professora na escola é muito chata. Ela fica sentada o tempo todo, não explica direito — conta Paulo.

A explicadora, diz Maura, cumpre o papel do professor e, muitas vezes, também o da mãe:

— A maioria das mães trabalha fora e não acompanha o filho nos deveres de casa. Além disso, aqui é um lugar onde estão protegidos. Não ficam na rua e ainda aprendem alguma coisa. ■